

## OS TRÊS NÍVEIS DA OBRA LITERÁRIA

Celestino Sachtet \*

No emaranhado de escolas, de autores e de livros com que procura enveredar pelos caminhos da Crítica Literária, o estudante de nossos Cursos de Letras encontra-se, não raro, sem o instrumental capaz de lhe oferecer um roteiro adequado e sempre à mão, para proceder à desmontagem de um poema, de uma crônica, de um conto ou, mesmo, de um romance. E o professor de Literatura, mais teórico do que prático, prefere enveredar pelas diferentes e, até, contraditórias escolas da crítica estrangeira, a organizar um modelo para uma Análise que seja capaz de estabelecer uma ligação mais íntima entre Autor, Obra, Leitor e Comunidade. Além disto, ainda hoje, podemos nos deparar com uma ortodoxia, para o campo da Crítica Literária que não se aplica aos tempos de Abertura em que o País vive e tenta comprovar.

Para Ingo Voese, (1)

"... por mais que se queira fugir ao estruturalismo, dando-lhe outros nomes, ou dizendo-o ortodoxo, cremos que o conceito de estrutura e a abordagem dicotômica tão cedo não deixarão de exercer sua influência, profunda e constritora, em qualquer tentativa de estudo científico principalmente nos relacionados com a linguagem, com o signo" (1976: 11).

O poeta e crítico Pedro Lyra, professor de História da Literatura Brasileira, na Universidade Federal do Ceará, pensa de outra forma: (2)

"Uma corrente estética, excrescência ideológica do agnosticismo típico da filosofia da decadência composta pela massa amorfa de estruturalistas, semiólogos, lingüis-

tas, estilistas, poeticistas — formalistas de toda a espécie — não ultrapassa o nível essencial do poema: “o único objetivo da crítica literária é a obra literária” — proclamam. E obram abundantemente nos domínios da literariedade. Como se antes do poema não houvesse um ser humano a escrevê-lo nem depois do poema publicado outro ser humano a receber a sua mensagem” (1976:(7),526).

Não só de estruturas vive, pois, a obra de arte literária. Ela é, também, um discurso lingüístico, um discurso literário e, ao final, um discurso ideológico, um convite à ação.

Preocupado com estes e outros fatos, o autor do presente artigo pretende apresentar um modelo próprio de Crítica Literária, o qual, mesmo não sendo totalmente original, gostaria de oferecer ao nosso estudioso de Letras, um instrumento de Análise respeitando, é claro, os limites sempre abertos da obra ou de sua significação e respeitando, igualmente, a capacidade criadora do próprio leitor:

Uma obra de arte, deixadas de lado as múltiplas e variadas contradições a respeito de sua conceituação, carrega, dentro dela, três “realidades” passíveis de serem detectadas:

— uma “individualidade” que a diferencia de outra, pelos seus atributos específicos, pelos seus elementos caracterizadores;

— uma “personalidade” capaz de comunicar a sua visão do mundo;

— uma “POLITICIDADE” capaz de desencadear reações do leitor, sobre si mesmo, sobre o seu grupo e, mesmo, sobre toda a comunidade em que está inserido.

“Todo poema resulta em sua totalidade vital, da articulação de três níveis superpostos de realidade” (1976:(7), 517).

Em nosso entender, discordando e alargando um pouco os conceitos do colega da Universidade Federal do Ceará, em qualquer obra de arte estão intimamente distribuídos três níveis:

- nível existencial: onde a obra *está*;
- nível essencial: onde a obra *é*;
- nível *político*: onde a obra *age* e *induz* à ação.

No primeiro nível — o nível do ESTAR —, a obra de arte encerra a sua individualidade, a sua existência, através dos elementos caracterizadores de sua "materialidade". No caso da Literatura, seriam os elementos da própria língua vinculados à fonética, à morfologia, à sintaxe e à semântica. Durante o seu trabalho, o criador

"não se desvia da linguagem um instante sequer: está em constante "luta" com a língua, à procura da palavra mais expressiva, da frase mais eufônica" (Idem, p. 518).

A nível do SER, a obra de arte assume uma personalidade própria que a distingue de outra, embora do ponto de vista formal ela apresente os mesmos elementos lingüísticos. Para o campo da Literatura: embora o romance A e o romance B sejam idênticos na sua existência — ambos formados de palavras, de sentenças, de orações e de períodos — ao nível do SER, da "personalidade", "de sua maneira peculiar de encarar o mundo, a vida e as pessoas", A e B são totalmente distintos. Essa diferença está radicada em dois discursos: o estético e o ideológico. No primeiro caso, entram em questão os procedimentos estéticos específicos da estrutura ficcional: o símile e a metáfora; no segundo, o discurso político,

"o poeta, ao codificar a sua mensagem, externa a sua maneira peculiar de encarar o mundo, a vida e as pessoas que os movimentam com seus relacionamentos" (Idem, p. 519)

A nível do AGIR, a obra de arte detém a capacidade de interferir no comportamento do leitor para levá-lo a uma ação sobre si mesmo ou sobre o outro.

Cada nível da realidade ficcional

"conduz ao seguinte, por reunir elementos que funcionam como meios para atingir os objetivos do nível imediato" (Idem, p. 518).

O objetivo do nível do ESTAR, ou existencial, é a expressão; esta deve atingir o nível do SER, através de persuasão, para terminar no nível fático, que é AGIR.

"... a expressão visa à comunicação, para realizar o encontro do poeta-leitor; a persuasão, operada durante a comunicação, conduz à repercussão, à aceitação social da mensagem (...); a ação, determinada pela persuasão, se orienta, como corolário de todo o processo, no sentido do aperfeiçoamento do homem" (Idem, p. 522).

Toda criação literária pode ser submetida a uma análise para o afloramento dos três níveis:

— no nível existencial: para descrever os procedimentos utilizados tanto no campo da linguagem quanto da estilística;

— no nível essencial: para caracterizar a literariedade do texto e a cosmovisão do autor;

— no nível factual: para avaliar o campo de envolvimento do discurso ideológico-político e sua capacidade de atuação dentro do contexto em que estiverem inseridos o discurso lingüístico e o discurso estético.

\* *Livre-Docente em Literatura Brasileira* — UFSC  
Prof. Titular da UFSC

---

(1) — VOESE, Ingo. *O impasse da crítica*. Porto Alegre, Ed. Movimento-SEC, 1976, 80 p.

(2) — LYRA, Pedro. "Polismo: os três níveis do poema e a crítica integrativa de sua realidade". In *Revista de Cultura Vozes*. Petrópolis, 1976 (7) p. 515/528.